

Capa e execução gráfica

Atelier Mam Design | Madalena Azevedo Mendes

Impressão e acabamentos

Gráfica Almondina, Progresso e Vida, Lda.

Depósito legal

463972/19

ISBN

978-972-39-0885-5

Ilustrações

Maria Archer

Revisão

Fátima Ragageles

1ª edição

Novembro de 2004

17ª edição

(1ª edição na Editorial AO)

Novembro de 2019

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 440
www.redemundialdeoracaodopapa.pt | livros@snao.pt

Nuno Tovar de Lemos, s.j.

O Príncipe e a Lavadeira

*Redescobrir a fé cristã,
histórias simples para
falar de Deus e de nós*

17ª EDIÇÃO

Ilustrações de
MARIA ARCHER



EDITORIAL A.O.

ÍNDICE

NOTA À 4ª EDIÇÃO	(7)
PESSOAS SIMPLES	(9)
<i>Laurinda Alves</i>	
AVISO: NÃO LEIA ESTE LIVRO SE...	(11)
<i>Vasco Pinto de Magalhães, s.j.</i>	
EXCELENTÍSSIMO DEUS,	(15)
UMA VISITA GUIADA	(19)
O PEIXE E O MAR	(31)
A VARANDA	(37)
O ASTRÓNOMO E A BRISA DA NOITE	(59)
O PRÍNCIPE E A LAVADEIRA	(67)
NOITE DE ESTRELAS	(87)
LABORATÓRIO DE TENTAÇÕES	(109)
O SÓTÃO	(129)
APRENDIZ DE VIAJANTE	(149)
A MISSÃO	(159)

NOTA À 4ª EDIÇÃO

Nuno Tovar de Lemos, s.j.

Quando, em finais de Novembro, saiu *O Príncipe e a Lavadeira* não pensei que, um mês depois, estaria a preparar uma nota para a quarta edição! Para além da alegria que isto representa para o editor e para mim, o acolhimento extraordinário que os leitores têm dedicado a este livro tem-me feito pensar...

Perguntaram um dia à Madre Teresa de Calcutá o que sentia quando entrava numa sala cheia de gente entusiasmada, de pé, a aplaudi-la. A pergunta era maliciosa. Ficava na mesma? Isso significaria que era insensível. Ficava lisongeadá? Bem, então talvez não fosse assim tão santa como parecia...

Ela nem hesitou na resposta: Ficava contentíssima! Quando tal acontecia, ao ouvir os aplausos, enquanto andava, pensava em Jesus entrando de burro em Jerusalém entre hossanas de uma multidão entusiasmada e ficava contentíssima. Ela, claro, era o burro que transportava Jesus! Um burro feliz.

Muitas vezes tenho tido a sensação de levar comigo algo ou Alguém muito maior do que eu e de ser bafejado com a onda de gratidão que esta presença produz em quem, de algum modo, a toca. Esta é uma dessas vezes. Se o burro de Jerusalém fosse mais ingênuo até poderia pensar, ao passar, que era um burro diferente dos outros, enfim, um burro com *pedigree*... A realidade, no entanto, é bem diferente. Se o leitor elevar um pouco o seu olhar verá que – dois metros acima das patas do burro – vai Alguém de quem anda há muito tempo à procura, talvez mesmo sem o saber, ao procurar o bem, o sentido da vida e a felicidade. Alguém que, afinal, até garante uma boa tiragem!

O verdadeiro mérito do burro de Jerusalém – que o tem, também! – é o de ter transportado Jesus, sem O deixar cair, pelos caminhos simples e antigos que conduzem até às portas da cidade. Parece-me que a linguagem simples e afectiva deste livro e a fidelidade ao estilo narrativo das parábolas dos evangelhos são uma forma descomplicada e eficaz de transmitir uma mensagem que é tão valiosa que não precisa de grandes artifícios linguísticos. Antes os dispensa.

No entanto, tal como o burro de Jerusalém, este livro só leva até às portas da cidade. Pára nesse ponto, diante da porta, que daí para a frente só se vai a pé, cada um pelo seu próprio pé. Por isso mesmo, o capítulo mais importante deste livro – ou, se calhar, de qualquer livro – fica para depois, para ser escrito pelo leitor com a sua própria história. Que ela, também, seja uma parábola de algo ou de Alguém maior. Dedico-lhe a si esta quarta edição.

Coimbra, Dezembro de 2004

PESSOAS SIMPLES

Laurinda Alves

Ser simples é difícil. A tentação universal para complicar as coisas, aliás, tem-se revelado desastrosa ao longo dos séculos e muito daquilo que poderia ter sido sempre tão simples vai tomando proporções caóticas.

Falo da maneira como as pessoas comunicam, por exemplo. Como dizem umas às outras aquilo que pensam e sentem. Ou melhor, como dizem uma coisa e tantas vezes sentem outra. E como tudo isso pode ser tão perverso e enganador.

Ser simples é muito mais do que não ser complicado. É ser verdadeiro, é prestar atenção, é ouvir com o coração e é falar sem pretender ter sempre razão. Só uma pessoa simples é capaz de estar na vida para os outros e pelos outros e consegue fazê-lo sem se perder no essencial.

Conheço muito poucas pessoas simples e verdadeiras como o padre Nuno Tovar de Lemos. Simples na maneira de estar, de viver e de falar e verdadeiras na única verdade que interessa, que é a do coração.

Durante anos a fio ouvi o padre Nuno falar de liberdade interior, de alegria, de esperança, de confiança e de tempo para ter tempo. Enfim, de aprender a amar.

Ouvi-o no silêncio comovido das missas do Centro Universitário Padre António Vieira (CUPAV), no silêncio partilhado dos retiros que fiz sob a sua orientação e, ainda, no silêncio exaltante das celebrações eucarísticas improvisadas ao entardecer, com amigos, sobre o mar dos Açores ou na praia mais perto de sua casa.

Seja a celebrar, a conversar ou a escrever, o padre Nuno só usa palavras simples. Palavras que todos conhecemos e em que todos nos revemos.

E só por ser tão simples, tão verdadeiro e tão firme no essencial, o padre Nuno tem este dom de iluminar todos os que estão à sua volta. Quando fala é inspirado, quando ouve é inspirador e sempre que reza ajuda-nos a rezar.

Fala de Deus com alegria e humor e deixa-nos a certeza de que não existe maior amor.

Afectivo como poucos, fala da oração e do perdão. Da verdade e da liberdade. Da paciência, do tempo e da imaginação. Deixa no ar a certeza de um Pai que nunca deixa de nos amar. Conta histórias e sabe, como sabia a raposa quando falava com o Príncipezinho, que nós, os crescidos, só aprendemos a viver se alguém tiver a paciência de nos ajudar a parar e a olhar para o mundo com outros olhos.

Só se vê bem com o coração, dizia a raposa ao Príncipezinho. Aprende-se mais com os olhos do que com os ouvidos, acrescenta o padre Nuno. Que bom existirem pessoas simples e com tempo para contar histórias que nos ajudam a crescer e a acreditar que é sempre possível fazer mais e melhor.

AVISO: NÃO LEIA ESTE LIVRO SE...

Vasco Pinto de Magalhães, s.j.

Este livro não é de ler, é de ouvir. E mesmo quando se lê, será melhor que seja em voz alta, íntima, como quem conta a sua história à lareira, porque o coração ouve melhor o que *é bem dito*.

Com a idade vamos perdendo a coragem de pedir “contame uma história de Deus”, à noite, na varanda. E é pena. Ouvir no escuro, sobretudo, ajuda a ver o essencial que é invisível.

Caro leitor, Senhor(a) *Seja Quem For*, não leia este livro se tem medo que lhe tirem as máscaras, não leia se não tem tempo “a perder”, se se ri da poesia e não sabe ver gigantes nem pode admitir que os corações são cavalos que correm. Se pensa que “de deus não se fala, que a religião só traz violência” e se se sente seguro no seu estatuto de “agnóstico” ou de “praticante” não leia este livro, mas fazia-lhe muito bem. Não leia este livro, nem coisa nenhuma, talvez apenas o código da estrada, se pensa que este mundo não pode ir a

bem, que pôr-se em questão está fora de causa e o seu “deus” é o divertimento ou as estatísticas, porque acha que “tem o direito” de ser feliz.

Mas, Senhor(a) *Seja Quem For*, este livro podia ajudá-lo muito a *ser quem é*.

Aliás o papel da Teologia é revelar-nos “quem é quem”, sendo esse acerto corajoso com a verdade a porta da Felicidade.

O padre Nuno Tovar de Lemos é teólogo. Bem, é mais Teófilo que teólogo. E, por isso, mais do que fazer tratados sobre Deus fala de amizade... das relações que levam e trazem Deus. Ora, é certo que só fala bem da amizade e do amigo o artista, o músico, o pintor, o contador de histórias... É o caso. Arte é beleza e empatia. E é a melhor maneira de dizer (e encontrar) quem é quem, com Quem. A beleza e a empatia falam com outra “língua”, comunicam, tornam possível ficar perto e deixam o outro aproximar-se, fazendo cair barreiras de medos, defesas, intelectualismos.

A primeira arte é deixar-se amar. E o padre Nuno faz isso e inicia-nos com as suas histórias a encontrar o outro lado da vida. Faz-nos desmontar as falsas imagens de Deus (e de nós mesmos). Grandeza não é poder nem tamanho. Deus não é mais um em concorrência connosco, é o suporte de todos. Encontra-se olhando para baixo. Deus não é o que faz ou devia fazer, é o que nos faz fazer e nos inspira.

Obrigado por este livro e parabéns, Nuno. Parabéns pela coragem de começares assim a publicar.

Este livro inspira-se na Bíblia – claro! – que não é um tratado, nem leis sobre Deus. É uma colecção de histórias de amizade, de encontros e desencontros, hinos e cantos de saudade e desejo. Quando se ouvem por dentro, debaixo

das estrelas, fazem eco e deixam Ver Deus e o Homem a caminhar no deserto... mar adentro. Este livro é como quem nos diz um segredo ao ouvido: encontrarás o sentido da tua vida se fores capaz de a contar como uma história de amor.

Com muita amizade do
Vasco Pinto de Magalhães, s.j.

Coimbra, 30 de Abril de 2004

EXCELENTÍSSIMO DEUS,

Quando uma pessoa escreve um livro sobre outra pessoa, é costume informá-la? Bem, indo directo ao assunto, se chegar aí ao Céu um livro chamado *O Príncipe e a Lavadeira* é meu. E é sobre Ti. Espero que leias estas linhas antes que dele Te falem, pois queria ser eu a explicar-Te algumas coisas pessoalmente.

Não me preocupa a Tua reacção (já aceitaste em mim coisas bem mais disparatadas!). Preocupam-me, isso sim, reacções de outros aí em Cima, sobretudo de alguns mestres de teologia que aí estão e que eu muito respeito. Olhando para o livro poderão perguntar-Te por que razão – sendo ele sobre coisas sérias – o título não é mais sério... O problema é que não é só o título, o livro, por dentro, está, de facto, cheio de príncipes e lavadeiras e astrónomos no cimo das montanhas e anjos a ler o jornal enquanto outros tocam harpa e muitas outras coisas do género em histórias quase infantis. Gostava que os tentasses convencer de que – apesar

das aparências – a minha intenção é falar de coisas sérias. Acredito sinceramente que se pode falar de assuntos importantes de uma maneira leve e simples. Acredito mesmo que as (poucas) coisas realmente importantes na vida são surpreendentemente simples. Se insistirem muito, diz-lhes que a minha inspiração principal são as histórias simples que Jesus contava como parábolas.

Creio que muita gente pensa, como eu pensava antigamente, que Tu e a Fé são temas extremamente complicados. Hoje penso que as nossas cabeças – essas sim – andam extremamente complicadas (por causa da importância exagerada que damos a coisas secundárias e da nossa falta de tempo para as coisas essenciais) e que, no meio de toda esta complicação, Tu és a única ponta a partir da qual o novelo se pode desemaranhar. Acho que entendo aquela frase do Evangelho que diz que temos de nos tornar como crianças. Entendo-a, não como um apelo a voltar atrás, mas sim como um convite a avançar no sentido da descomplicação e da busca do essencial. Ou, como Paul Ricoeur tão bem resumiu numa só expressão: devemos procurar uma “segunda ingenuidade”.

Este livro, sendo acerca de Ti, é naturalmente acerca do Amor. Isto pode ser confuso para algumas pessoas que, nas suas vidas, tenham colocado em gavetas distantes a Fé e o Amor. Aquilo que tenho aprendido contigo é que, quando fazemos este divórcio, o que depois fica nas gavetas são versões distorcidas e rebaixadas quer da Fé quer do Amor. Afinal, como disse S. João falando de Ti, “Deus é Amor”. Gostava de ter escrito um livro onde “Deus” e “Amor” fossem sinónimos ou, pelo menos, palavras que se pudessem habitualmente sentar no lugar uma da outra.

Creio – aprendi-o de Ti – que o Amor é o único bem pelo qual vale a pena dar a vida e a única lição que interessa aprender. Só cá estamos para aprender a amar. A maior dívida que tenho na Terra é para com quem me amou e se deixou amar por mim. É uma dívida infinita, que só no Céu poderei saldar. No entanto, todo este amor não tem comparação com aquele que tenho recebido de Ti e que – como nenhum outro – me tem estimulado a ser livre e a seguir o meu próprio caminho. Gostaria de saber transmitir a quem não tem fé que a verdadeira fé de um crente é a fé que Deus tem nele. E que isto chega para transfigurar a vida de uma pessoa.

Este livro nasceu de um amontoado de textos diferentes, escritos para ocasiões muito distintas, e da tenacidade de um editor... Peço-Te que abençoes todas aquelas pessoas que contribuíram para que desses textos dispersos se formasse um livro, sobretudo aquelas que no fim de uma conferência me vinham perguntar por livros que eu tivesse publicado e me deixavam envergonhado por não ter nenhum! Abençoa todos aqueles para quem trabalho e que no dia-a-dia me questionam e me obrigam a recordar em voz alta aquilo em que intimamente acredito, pois é no dia-a-dia que os livros se geram. Penso sobretudo nos noviços da Companhia de Jesus e nos estudantes que frequentam o Centro Universitário Manuel da Nóbrega. Abençoa a Maria Archer que aceitou fazer as ilustrações e todas aquelas – tantas! – pessoas que me têm estimulado, com o seu exemplo e com as suas palavras, a ser fiel a mim próprio. De uma maneira especial, o padre Vasco Pinto de Magalhães e a Laurinda Alves, que ainda tiveram a amizade de escrever umas palavras de prefácio para este livro.

Espero, meu Deus, por aquele dia em que nos encontraremos cara a cara. Sei que nos havemos de rir às gargalhadas recordando alguns disparates que aqui escrevi... Até lá, peço que me abençoes também a mim e a todos os que lerem este livro.

Coimbra, Maio de 2004